

EXPLORANDO AS MARGENS: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

EXPLORING THE MARGINS: STORIES, MEMORIES AND PEDAGOGICAL PRACTICES

EXPLORANDO LOS MÁRGENES: HISTORIAS, MEMORIAS Y PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS

Bruno Rafael Machado Nascimento¹

Resumo: Resenha do livro *Ensino de História: contribuições a partir da História local*, organizado por Nadia Gonçalves e Ana Cláudia Urban, publicado em 2023 pela editora Appris. A coletânea reúne diversos pesquisadores com formações diferentes que refletem sobre a importância do “local” no ensino de História, assim como sugerem diversas abordagens metodológicas. O livro resenhado apresenta-se como oportunidade principalmente para os professores e professoras do Paraná, mas também de outros estados para repensarem as suas práticas cotidianas. Os capítulos trazem importantes reflexões e metodologias que, adaptadas às diferentes realidades, podem tornar o ensino de História mais significativo e fecundo.

Palavras-chave: Ensino de história; Memória; Práticas Pedagógicas.

Abstract: Review of the book *Teaching History: Contributions from Local History*, organized by Nadia Gonçalves and Ana Cláudia Urban, published in 2023 by Appris. This edited volume brings together researchers from diverse academic backgrounds who reflect on the significance of the “local” in History education, while also proposing a variety of methodological approaches. The reviewed book serves as a valuable resource, particularly for teachers in the state of Paraná, but also for educators from other regions, inviting them to reconsider their everyday teaching practices. The chapters offer important reflections and methodologies which, when adapted to different contexts, can contribute to making the teaching of History more meaningful and fruitful.

Keywords: History teaching; Memory; Pedagogical Practices.

Resumen: Reseña del libro Enseñanza de la Historia: contribuciones desde la Historia local, coordinado por Nadia Gonçalves y Ana Cláudia Urban, publicado en 2023 por la editorial Appris. Esta obra colectiva reúne a diversos investigadores e investigadoras con formaciones académicas distintas que reflexionan sobre la importancia de lo “local” en la enseñanza de la Historia, al tiempo que proponen diversas aproximaciones metodológicas. El libro reseñado se presenta como una oportunidad especialmente valiosa para el profesorado del estado de Paraná, aunque también resulta pertinente para docentes de otras regiones, al invitarles a repensar sus prácticas cotidianas. Los capítulos ofrecen reflexiones significativas y metodologías que, adaptadas a las distintas realidades, pueden contribuir a hacer que la enseñanza de la Historia sea más significativa y fecunda.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia; Memoria; Prácticas Pedagógicas.

GONÇALVES, Nadia; URBAN, Ana Cláudia (org.). *Ensino de História: contribuições a partir da História local*. Curitiba: Appris, 2023.

Flávia Caimi (2006, p. 28) chamou atenção para necessidade de ser professor reflexivo que é aquele:

capaz de investigar os problemas que se colocam no cotidiano escolar; de mobilizar conhecimentos, recursos e procedimentos para a sua superação, de avaliar a adequação de suas escolhas e, finalmente, de reorientar a ação para intervenções mais qualificadas no processo de aprendizagem dos alunos.

Esse profissional não é mero aplicador de técnicas ou reproduutor de conhecimentos produzidos pela historiografia, mas um ser autônomo, pensante, fecundo e capaz de verdadeiramente propor situações de aprendizagens significativas para os alunos, a partir de reflexões teóricas e práticas. Contudo, para isso ser efetivado, o professor deve ter à sua disposição formação permanente, salários dignos e condições estruturais adequadas.

Ser professor tem se tornado cada vez mais exigente e complexo, pois a necessidade de atender diversas necessidades que estão em constantes transformações tem tirado o sono dos educadores. Flavia Caimi (2015, p. 110) enumera algumas: a incorporação de novos temas nas aulas de História, exigência de se fazer recortes temáticos, usos de metodologias ativas e das específicas da epistemologia da História com usos de fontes históricas, bem como, atentar para os diversos sujeitos históricos como mulheres, indígenas e tantos outros.

Após a leitura dos textos deste livro organizado pela Nadia Gonçalves e Ana Urban cujo título é “Ensino de História: contribuições a partir da História local”, publicado em 2023 pela editora Appris, a conexão com a noção de professor reflexivo salta aos olhos. A despeito de não citarem os artigos da Flávia Caimi, a intenção de fazer o ensino de História significativo, com usos de fontes históricas e a superação do verbalismo nas aulas é marca desta obra.

As organizadoras possuem bastante experiência com formação de professores e várias produções voltadas para História local. Ambas atuaram como professoras da Educação Básica antes de ingressarem como professoras no Ensino Superior. Nádia Gonçalves é mestre e doutora em História e atualmente exerce seu ofício no setor de Educação da UFPR, bem como, no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). A Ana Urban é mestre e doutora em Educação, também trabalha na Universidade Federal do Paraná, no mesmo setor da Gonçalves e atua no Programa de Pós-Graduação de Educação (PPGE/UFPR) e no Mestrado Profissional

em Ensino de História (ProfHistória). Pela breve biografia é possível vislumbrar que os escritos desta obra podem ajudar os professores, sobretudo, da cidade de Curitiba.

Os capítulos deste livro guardam relação com as reflexões do Michel de Certeau (2015, p. 78-79) que ao refletir sobre a operação historiográfica escreveu:

O historiador não é mais o homem capaz de constituir um império. Não visa mais ao paraíso de uma história global. Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista, se transforma num vagabundo [...]. “Faz um desvio” para a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular, o mundo esquecido dos camponeses, a Ocitânia etc., todas elas zonas silenciosas.

O historiador é compreendido, como um “vagabundo”, ou seja, aquele que atua nas margens, periferias, becos, vielas, rios e igarapés. É o profissional que sem deixar de lado contextos e temas mais amplos, busca compreendê-los partir do “local” e é justamente isso que o livro aqui resenhado pretende realizar.

Para tanto, Nadia Gonçalves e Ana Urban reuniram diversos pesquisadores com formações distintas, desde psicólogos, pedagogos, museólogos, antropólogos, historiadores e os formados em cursos técnicos que participaram do projeto de extensão liderado pelas professoras. Resultado disso? 13 capítulos que levam os leitores pelas margens do Estado do Paraná com temáticas diferentes, mas a partir do eixo História local.

No primeiro capítulo que serve como apresentação e contextualização do livro, Nadia Gonçalves e Ana Urban situam os leitores de que a obra é fruto do projeto de extensão intitulado “Ensino de História: diálogos e possibilidades” vinculado ao Departamento de Teoria e Prática de Ensino do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná(UFPR), cujos principais objetivos são realizar formações, divulgar reflexões, experiências didáticas pautadas no desenvolvimento da consciência histórica e do ensino significativo e crítico. Para tanto, elas dialogam com Pierre Bourdieu (2004), Paulo Freire (2007), Peter Lee (2006, 2016) e Jörn Rüsen (2010, 2015), que são mobilizados para o fazer pedagógico do projeto.

Em seguida, no segundo capítulo, há uma discussão teórica sobre o conceito de História local e aqui reside a utilidade deste texto para quem deseja conhecer em que estágio se encontra a discussão conceitual e metodológica, sobre o fazer e ensinar História em perspectiva local. Em outros termos, a historiadora Nikita Sukow faz uma revisão bibliográfica e aponta os principais autores que discutem o ensino de História na Educação Básica a partir da História local, por exemplo, Pierre Goubert (1988), Joana Neves (1997) e Joaquim Prats (2001).

Nikita Sukow faz as seguintes perguntas: o que seria a História local? Uma



metodologia? Um jogo de escalas? Um recorte temático? Ao longo do texto apresenta autoras e autores que refletiram sobre essas questões, porém, sem apresentar respostas fechadas. De fato, quando se tratada desta modalidade historiográfica há muitas discussões sobre o que seria “local”, “regional”, “nacional” e as relações entre eles. Contudo, sem ninguém “bater o martelo” com respostas prontas e acabadas.

Em “História local: possíveis diálogos entre teoria e prática”, terceiro capítulo, escrito por Cristina Ribas, Geraldo Becker e Ana Urban busca-se apresentar um diálogo sobre o processo de ensino e aprendizagem relacionado à História Local. A partir do conceito de consciência histórica do Jörn Rüsen investigou-se como os estudantes de uma turma da 1^a série do Ensino Médio de uma escola da cidade de Curitiba operam a constituição de sentido referente à referida urbe.

A metodologia utilizada consistiu em distribuir para os alunos 18 fontes iconográficas sobre Curitiba e que eles imaginassem uma conversa pela internet, com alguém de outro estado brasileiro que lhe envia imagens e pergunta um pouco da história do que está na representação.

As narrativas dos estudantes foram analisadas e os pesquisadores destacaram como resultado: a maior parte escolheu o Jardim Botânico e ninguém escolheu o Museu Paranaense. Por que a escolha do primeiro patrimônio? Pelo discurso de Curitiba ser uma cidade turística.

O quarto capítulo escrito por Ivan Reboli, a partir da sua dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA – UFPR) discutiu sobre a importância da Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres localizada na ilha do mel, no Paraná, para o ensino de História. Neste escrito, o autor contextualiza a construção e os objetivos da fortificação colonial que desde 1938 é reconhecida como patrimônio cultural do Brasil.

Chama atenção que um dos encaminhamentos metodológicos foi a criação do aplicativo gratuito como ferramenta didático-pedagógica, destinado a auxiliar os professores que desejam abordar este patrimônio cultural nas aulas sobre História do Paraná. Segundo o autor, isso é uma obrigação legal desde 2001. Além disso, para quem não é do estado, o aplicativo pode servir de inspiração para criar uma ferramenta similar, adaptada à sua realidade.

Chegamos a uma reflexão sobre o Paraná por meio do quinto capítulo: “Repensando o local: o Paraná quilombola em duas propostas de aula”, de Hellen Lima que também escreveu sua dissertação no ProfHistória – UFPR. A metodologia desenvolvida propõe atividades para que os professores problematizem com seus alunos a temática quilombola no estado, frequentemente visto como “branco”, o que pode obscurecer as presenças negras em seu território. Essa abordagem baseia-se no uso de fontes históricas. A professora chamou suas propostas de roteiros de atividades, oferecendo

várias sugestões para os educadores dos 7º e 8º anos do ensino fundamental paranaense.

“A História local na produção de cadernos de atividades pedagógicas: entre desafios e conquistas”, sexto capítulo, de Leandra Zeni apresenta um relato de experiência com estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. A professora demonstra diversas atividades que abordam temas como identidades, brinquedos, brincadeiras, direitos e deveres das crianças. Ela utilizou várias fontes históricas, como poemas, além de estratégias como jogos. Vale destacar que as produções dos cadernos ocorreram em um contexto de pandemia da COVID-19.

Caminhando pelas margens, tal como um “vagabundo”, tem-se o sétimo capítulo: “Populações invisibilizadas, museus e possibilidades para o ensino de História”, de Bruna Portela, Gabriela Freire e Tamara Evangelista, as autoras discutem a exclusão social, mas também as possibilidades de tornar protagonistas grupos historicamente invisibilizados no Paraná. Para isso, utilizaram principalmente o acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR), especialmente uma caixa didática intitulada “Paraná na caixa”, que contém documentos representativos da diversidade cultural do estado. A partir desse material, oferecido pelo MAE-UFPR, é possível “desembranquecer” a visão estereotipada sobre o Paraná e valorizar as presenças dos povos indígenas e da população negra, tanto no passado quanto no presente.

Tradicionalmente, os livros didáticos distribuídos nas escolas públicas do país constroem uma visão única sobre a ditadura civil-militar no Brasil, ou seja, como se os militares e seus apoiadores tivessem atuado da mesma forma em todos os lugares. No oitavo capítulo, Luiz Silva discorre sobre como criou o site “Ditadura em Curitiba” para que essa temática seja trabalhada no Ensino Médio e, assim, os apagamentos referentes a esse período histórico ocorridos na cidade fossem questionados.

Apagamento é uma noção-chave no nono capítulo, escrito pela professora Karin Willms, pois ela analisa o centro histórico de Curitiba na perspectiva da diversidade religiosa. Ela se utiliza da experiência prática da Secretaria Municipal de Educação com professores e professoras de Ensino Religioso, que consiste em “aulas passeio” para discutir as presenças religiosas no centro da cidade.

No décimo capítulo “Museu do Holocausto de Curitiba: uma relação indissociável entre memória e história local”, Denise Weishof, Luzilete Ramos e Michel Ehrlich contextualizam a história de construção desse patrimônio, a imigração judaica para o Brasil e, especialmente, para Curitiba. Nesse texto, são analisadas as ações formativas que ocorrem na instituição.

Giselia Melo e Lilian Castex, no décimo primeiro capítulo que compõe a coletânea, discorrem sobre a importância da História local para os anos iniciais do ensino



fundamental, pois para elas essa estratégia de ensino possibilita a compreensão do entorno do aluno. Para fundamentar suas defesas da necessidade da História local na educação básica, as pesquisadoras recorrem à várias obras e documentos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e ao final sugerem algumas atividades para as crianças a partir de fontes patrimoniais.

No décimo segundo capítulo, escrito intrigante e instigante, Renata Garraffoni defende a articulação entre as histórias dos antigos gregos e romanos com a História de Curitiba. Para realizar esse difícil empreendimento, a pesquisadora usa o conceito de recepção e ao final sugere alguns documentos que os professores podem utilizar para tentar realizar esta conexão.

O décimo terceiro capítulo deste livro é intitulado: “Estudantes escrevem História a partir de arquivos tradicionais: da preservação à produção de materiais didáticos digitais” e foi produzido por Rafaella Borges, Rhayanne Rabelo, Michele Santos e Edilson Chaves. Esse escrito é um relato de experiência com jovens estudantes do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

Os educandos da instituição foram à antiga fábrica de beneficiamento de erva-mate que pertencia à indústria Moinhos Unidos Brasil Mate S.A, que fora fundada em 1834. Nessa empresa, que está em desuso, há centenas de documentos referentes à sua criação, bem como, à cidade de Curitiba. Coube aos alunos, devidamente preparados, organizar, higienizar materiais antigos, coletar e descrever os documentos. Esses jovens digitalizaram as documentações, descreveram-na e disponibilizaram-na num formulário on-line desenvolvido por eles próprios para quem tiver interesse possa pesquisar.

O livro resenhado apresenta-se como oportunidade principalmente para os professores e professoras do Paraná, mas também de outros estados para repensarem as suas práticas cotidianas. Os capítulos trazem importantes reflexões e metodologias que adaptadas às diferentes realidades, podem tornar o ensino de História mais significativo e fecundo.

Em contrapartida, faltou em todos os capítulos relacionar os objetos de pesquisa com realidades mais amplas. Dessa forma, temos excesso do “localismo” que é uma limitação dos estudos de História local, ou seja, focou-se tão somente na cidade de Curitiba e não se realizou qualquer conexão com outros espaços, o que de certa forma, limitou a obra.

Referências

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. Tradução de Cassia Silveira e Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAIMI, F. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 17-32, jul./dez. 2006.

CAIMI, F. O que precisa saber um professor de História?. *História & Ensino*, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.

CERTEAU, M. de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática pedagógica. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GOUBERT, P. História local. *Revista Arrabaldes – Por uma História Democrática*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 69-82, maio/ago. 1988.

LEE, P. Em direção a um conceito de literacia histórica. *Educar em Revista*, Curitiba, p. 131-150, 2006. Número especial.

LEE, P. Literacia histórica e transformativa. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 60, p. 107-146, abr./jun. 2016.

NEVES, J. História local e construção da identidade social. *Saeculum*, João Pessoa, n. 3, p. 13-27, jan./dez. 1997.

PRATS, J. El estudio de la Historia local como opción didáctica: destruir o explicar la historia?. In: PRATS, J. *Enseñar historia*: notas para una didáctica renovadora. Merida: Junta de Extremadura, 2001. p. 71-85.

RÜSEN, J. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, M, A; BARCA, I; MARTINS, E. (org.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: EDUFPR, 2010. p. 23-40.

RÜSEN, J. Formando a consciência histórica: para uma didática humanista da história. In: RÜSEN, J.; SCHMIDT, M, A. et al. (org.). *Humanismo e didática da História*. Curitiba: W. A. Editores, 2015. p. 10-42.

Notas

¹Mestre em Ensino de História (UNIFAP). Professor de História da Secretaria de Educação do Estado do Amapá – SEED – AP. Doutorando em Ensino de História pelo PROFHISTÓRIA – UNIFAP.

